

# A «Ilha de Próspero» de Rui Knopfli ou a Ilha de «Caliban» na Poesia Moçambicana

notas em torno da actualização de um mito de origem cultural

*Ana Mafalda Leite*

*«... retomo devagarinho as tuas ruas vagarosas, / caminhos sempre abertos para o mar; / brancos e amarelos filigranados / de tempo e sal, uma lentura / brãmame (ou muçulmana?) durando no ar; / no sangue, ou no modo como o sol / tomba sobre as coisas ferindo-as de mansinho / com a luz da eternidade»*

*Rui Knopfli, A Ilha de Próspero*

É QUASE UM LUGAR-COMUM AFIRMAR QUE TODOS OS povos tem tendências para mitificar o período remoto das origens, isto é, o momento, o espaço e o sujeito do acto fundador. O mito das origens insere-se na classe dos mitos antropogónicos: são o relato da criação de uma nação ou de uma comunidade que se reconhece como tal.

Na génese destes mitos encontram-se motivações psicológicas colectivas e pressões históricas que se fazem mais insistentes em momentos de fragilidade política ou de formação da identidade nacional.

Ao evocarem os tempos remotos, os povos erguem a imagem de um tempo inocente, ou vão buscar a recordação de horas de esplendor e glória, depois atenuados ou perdidos.

Os mitos fundadores não surgem, portanto, do desejo de guardar uma memória comum, mas da necessidade de inventar, no sentido etimológico, um passado exemplar para garantir o presente e confirmar o futuro. Enraízam numa procura colectiva e na necessidade em reconhecer modelos e assim construir a identidade da nação.

Mais do que História, a efabulação lendária, mítica ou poética, é uma forma de apropriação do passado, que se revela como exercício de manipulação ostensiva de poder sobre a memória futura. Não pretende dar apenas resposta às perguntas «quem somos, donde vimos?», mas

também responder a outras como «para onde vamos?, que lugar ocupamos no tempo que nos domina e no espaço que nos cerca?».

Nas imagens idealizadas de um passado, projectado num tempo reencontrado, a interrogação também tem a ver com o presente, enquanto registo, procura e criação de imagens identitárias, e com futuro, enquanto destino.

A partir desta sequência de considerações, gostaríamos de começar por assinalar a importância concedida a um dos mitos de fundação da nação moçambicana, que pode ser encontrado na figura do herói guerreiro, fundador. Nas nações constituídas pela guerra e pela força das armas, como é o caso de Moçambique, o herói adquire as características do guerreiro e do combatente conquistador.

No seu ensaio sobre as estruturas antropológicas do imaginário, Gilbert Durand considera a representação tipo do herói fundador na figura do herói combatente, portador da espada como símbolo do poder e da superação individual. A sua representação inclui-se no registo do herói solar, fundador, recortado num cenário de batalha.

Nesta perspectiva, a literatura de combate e a poesia de temática social, produzida no período anterior e posterior à independência de Moçambique, vincula-se a este espaço semântico de heroicidade e de conquista, e foi transposto e representado numa abundante produção literária, algumas vezes mais ou menos circunstancial, cuja significação radica no gesto fundador guerreiro.

Por seu lado, os estudos críticos e as primeiras tentativas de historicização literária moçambicana privilegiaram, num primeiro momento, esta produção literária como sendo aquela que se adequava à caracterização identitária da nação, recentemente conquistada pela força das armas.

A tendência para a transposição mítica dos primeiros tempos da fundação vai perdurar

muito tempo após o período estruturante de formação da nação. Se numa primeira fase corresponde a um processo de justificação do poder, torna-se, posteriormente, desaparecidos os imperativos e determinações sociais e históricas, numa mais sofisticada elaboração literária ou artística, filtrada por diferentes parâmetros estéticos e enraizada em zonas onde o imaginário se liberta e expande.

Os processos de actualização e reinvenção dos mitos são determinados necessariamente pelo contexto histórico-cultural. Cumpre à arte e à literatura, aos artistas e aos escritores a criatividade de os renovar e acrescentar no processo de invenção da nação. Semelhante reelaboração dos mitos de fundação alia-se também aos mitos de origem, que se caracterizam pela mitificação do espaço, tornado terra sagrada, paraíso prometido, ou centro do mundo.

Parece-nos que o imaginário mítico-literário moçambicano se expande e revigora com um tema antigo, revisitado diferentemente pelos poetas pós-coloniais. Pode considerar-se o tema da Ilha, nomeadamente da Ilha de Moçambique, no contexto da literatura moçambicana, como uma forma particular de regionalismo literário, e *tal regionalismo insular ganha a expressão metonímica de um dos espaços míticos de fundação da nação, enquanto espaço cultural*, ou seja estrutura a noção de moçambicanidade, enquanto representação de um espaço de cruzamentos culturais de origens diversas, como a bantu, árabe, indiana e europeia.

Com efeito, o processo de mitificação literário da Ilha de Moçambique tem vindo a ser actualizado e amplificado nos últimos anos com maior insistência na obra de vários autores, ao delinear percursos alternativos a uma poética militante e de cariz ideológico, e ao conferir uma outra amplitude aos imaginários poéticos.

A actualização e visita necessária deste tema deve ser lida como uma forma de reen-



«Pode-se considerar o tema da Ilha, nomeadamente da Ilha de Moçambique, no contexto da literatura moçambicana, como uma forma particular de regionalismo literário, e tal regionalismo insular ganha a expressão metonímica de um dos espaços míticos de fundação da nação, enquanto espaço cultural, ou seja estrutura de moçambicanidade...»

© Francisco José Viegas / Revista Oceanos



contro com as origens culturais históricas, em que a ilha ganha a dimensão de um mito cultural, estruturante da ideia de nação, uma vez que tende a alargar-se à dimensão do país, e permite acrescentar ao mito fundador guerreiro da nação política, uma outra dimensão de fundação e de origem, a fundação e origem culturais.

A Ilha de Moçambique, enquanto palimpsesto arquitectónico, geográfico, literário, de encontros culturais, é reinvestida literariamente em textos da literatura moçambicana, anteriores e posteriores à independência, de forma diversificada, permitindo a leitura da criação de um mito cultural unificador e nacionalizante, devido à sua multiplicidade de registos.

Tendo em conta o cadinho cultural heterogéneo evidenciado pelas características da geografia insular da Ilha de Moçambique, e quiçá do próprio país, projectada e recriada miticamente pela escrita, pode conceber-se esse espaço fechado da ilha quase simultaneamente como região umbilical da ideia de nação cultural.

Um dos elementos bibliográficos fundamentais que justifica e provoca esta nossa reflexão é a publicação surgida em 1992 – *A Ilha de Moçambique pela voz dos poetas* – antologia compilada por Nelson Saúte e António Sopa, documento relevante que nos permite indagar e problematizar este área geo-poética como indiciadora, simultaneamente, de *uma forma particular de regionalismo no contexto da literatura moçambicana*, e como *um dos espaços míticos de fundação da moçambicanidade*.

Ao avançar esta hipótese de trabalho estamos conscientes de um entrançado de questões complexo, que se prende a áreas tão diversas como a da historiografia literária, a da História e a do Mito.

A região descrita não é apenas um lugar fisicamente localizável no mapa do país, pressupondo muito mais um compromisso entre referência geográfica e geografia mítica e ficcional.

Mas, ao mesmo tempo, importa reconhecer que, embora mítico e ficcional, o espaço criado literariamente aponta, enquanto portador de símbolos, para um passado histórico, revelador das origens culturais do país.

A Ilha de Moçambique surge na literatura moçambicana, desde os seus primórdios poéticos; e a este respeito convém referir uma publicação surgida em 1985, o livro *Campos de Oliveira – Mancebo e Trovador*, da autoria de Manuel Ferreira que, na senda de informações de António Sopa e Ilídio Rocha, recolheu e publicou a obra do primeiro poeta moçambicano, produzida em meados do século passado, natural da Ilha de Moçambique e o primeiro versejador nativo da mesma.

Posteriormente, muitos outros textos da literatura moçambicana giram em torno deste lugar sacralizado pela sua beleza e deparamo-nos com um número significativo de obras que se dedicam à Ilha de Moçambique, além de outras obras de carácter artístico, que escolhem a Ilha por via da fotografia, da arquitectura ou do ensaio.

Se no que se refere aos sistemas histórico e cultural a Ilha surge como região fulcral no processo moçambicano, no que diz respeito ao sistema literário ela ganha uma dimensão quase palimpséstica, que conjura os outros sistemas referidos e os redefine mítica e poeticamente.

Região geográfica de eleição na escrita dos poetas, a Ilha de Moçambique é caracterizada como lugar de beleza e esplendor pelos diversos registos culturais, africanos, orientais e europeus, lugar de uma Memória múltipla e entrançada, em que a História e a Origem se dão a conhecer, a lembrar e a estruturar:

Como se lê, por exemplo, nos versos de Alberto de Lacerda: «*Ó Oriente surgido do mar / Ó minha Ilha de Moçambique / Perfume solto no oceano / Como se fosse em pleno ar*».

Região matriz do advento literário moçambicano com a poesia inaugural de Campos de

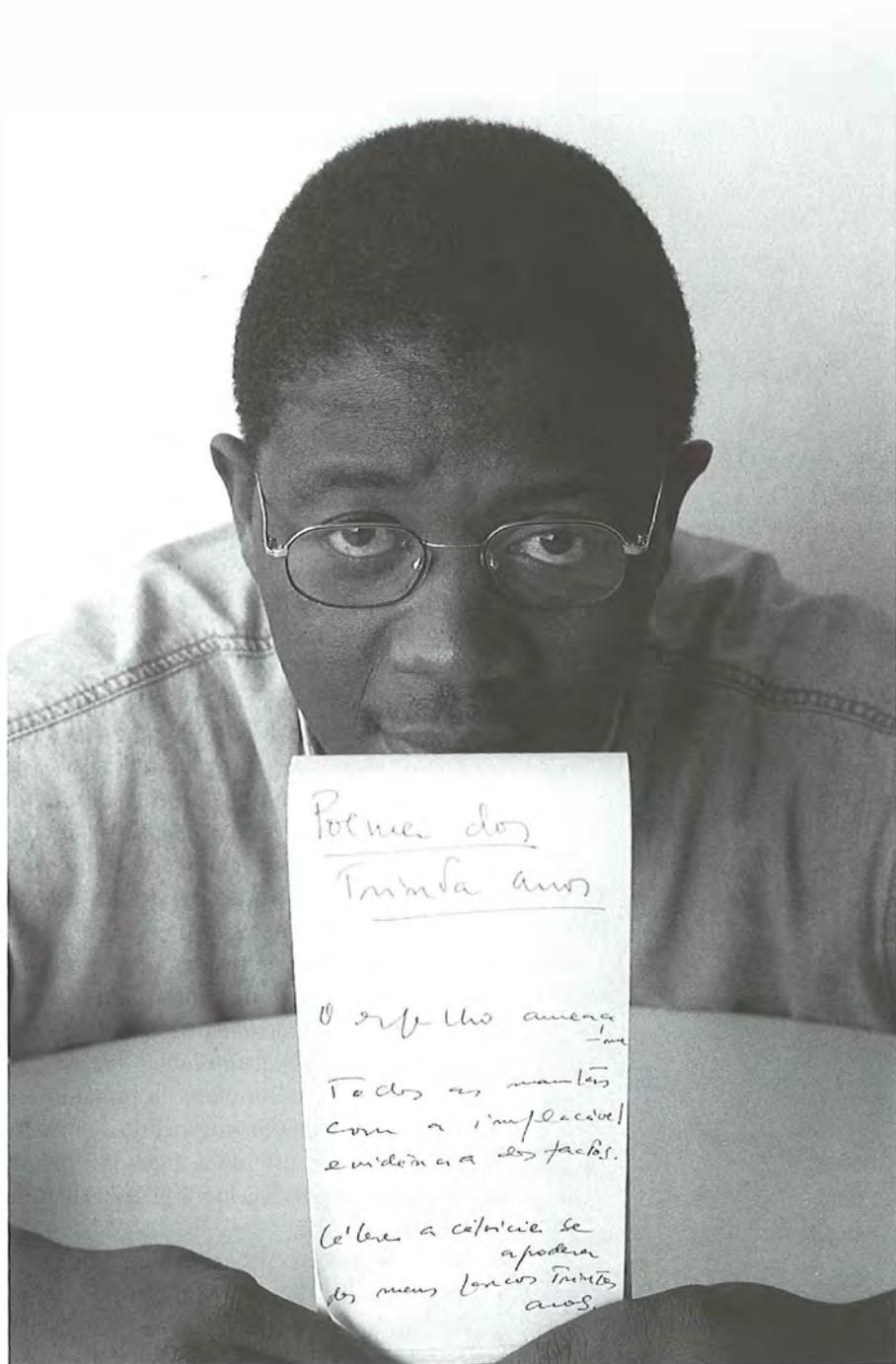
Oliveira, no século XIX, é ainda e sobretudo *uma das regiões matriz no campo cultural*. A este respeito, interessa-nos destacar as pertinentes e elucidativas observações de Nelson Saúte na introdução à Antologia atrás referida, *A Ilha de Moçambique pela voz dos poetas*, publicada em 1992, onde se lê:

«Não obstante os desígnios que outrora os negreiros, os mercadores, os soldados, os sátrapas e os outros, na Ilha quiseram cumprir, o que acabou por acontecer – digo-o afoitamente, foi o conjurar das raças e culturas que se derramaram no chão bantu, estilizando-se numa síntese que é um dos pecúlios no cadinho da moçambicanidade. À historiografia competirá estudar a complexa urdidura de relações que então imergiram naquele solo secular» (p. 10).

«A reivindicação que se subscreve aqui radica precisamente na contestação de uma Ilha que não seja exclusivamente de Próspero, tanto no sentido histórico como no sentido cultural. Nesta asserção, contrariamente ao que o equivocado espírito de quem engendrou essa obliterada imagem sobre Muipiti celebrou, nela convivem ou sucedem-se (à falta de melhores termos uso estes), plasmando-se, como é evidente, sobre a base bantu, precedência e continuidade, da síntese civilizacional que ali se operou e de que constitui um dos vectores da moçambicanidade» (p. 11).

Os primeiros livros de Luís Carlos Patraquim e de Eduardo White no pós-independência, *Monção* e *Amar sobre o Índico*, apontavam pelos seus títulos para essa área geo-poética do Índico e da Ilha, cuja herança refeita e renovada se refracta na escrita de poetas anteriores, como Alberto de Lacerda, Glória de Santanna, Orlando Mendes, Virgílio de Lemos, e em especial Rui Knopfli.

Com efeito no conjunto da obra de Knopfli, destaca-se um livro intitulado *A Ilha de Próspero* publicado em 1972, álbum de poemas e fotogra-



fias do autor, em que se faz a primeira e mais consistente revisitação do espaço em termos literários, enquanto percurso de indagação da Memória histórica e cultural.

O livro é um Roteiro de imagens onde se evoca a presença cultural indiana, árabe e portuguesa através dos vários monumentos e lugares arquitectónicos da Ilha. As referências, por exemplo, aos vários lugares de culto, católico, hindu, muçulmano, pela descrição da capela, da mesquita e do crematório baneane, revelam a sobreposição cultural aí travada.

Leia-se a título de exemplo um fragmento do poema *Capela*: «A cor é fria, o branco quase cinza/ e as púrpuras do retábulo simulam/ fogos morrentes onde crepita / o fulgor mais vivo de uma ou outra/ rara chama. África ficou/ ao umbral das portas, no calor/ da praça; aqui principial/ a Europa. Porém, sob um baldaquino hindu/ e num desvario de cores e santos hieráticos,/ salta o púlpito oitavado e é o Oriente/ que chega com seus monstros./ Do silêncio fita-nos um rosto trifontel/ e nós estamos na encruzilhada/ cismática desse olhar que se prolonga,/ nos examina e considera» (MC, p. 345).

Além do percurso histórico, o percurso literário é evocado pela presença na Ilha de Gonzaga e Camões. No poema *Esclarecimento a um certo passo obscuro de uma biografia*, Rui Knopfli lembra o autor dos *Lusíadas* nos seguintes termos: «Com a noite chegaria a insónia/ ou o olvido, que não podiam/ ser-te estranhos, a doçura árabe/ destes rostos, o mistério nocturno destes corpos/ a saberem a canela e maresia».

O percurso crítico evocado pela *Ilha de Próspero* knopfliana acaba por ser calibanizado pela poesia escrita no pós-independência, e faço referência especial à escrita de Luís Carlos Patraquim no seu livro *Vinte e Tal Novas Formulações e uma Elegia Carnívora*, publicado em 1991, em que o poeta reincide obsessivamente com um grupo de poemas sobre a Ilha, *reencaminhando*

*de forma óbvia o topos insular mítico para o lugar das origens, para uma simbiose cultural pacificadora e desejada*, contraponto de harmonia em relação à memória de guerras e escravidões antigas e também ao então estado de guerra civil do país: «*Ilha, capulana estampada de soldados e morte. Ilha elegíaca nos monumentos. Porta-aviões de agoirentos corvos na encruzilhada das monções. De oriente a oriente flagelaste o interior da terra. De Calecut e Lisboa a lança que o vento lascivo trilou em nocturnos, espasmódicos duelos e a dúvida retraduzindo-se agora entre campanário e minarete. Muezzin alcandorado, inconquistável. Porque ao princípio era o mar e a Ilha. Sinbad e Ulisses. Xerazade e Penélope. Nomes sobre nomes. Língua de línguas em Macua matriciadas*» (p. 55).

Semelhante evocação das origens culturais moçambicanas matriciadas em várias línguas nesse lugar único e principial, a Ilha, convoca agora, na poesia do pós-independência, por um lado o reconhecimento umbilical desse espaço geo-mítico como apropriação da herança de Próspero por Caliban e por outro a evidência da matriz cultural da moçambicanidade.

Virgílio de Lemos, num artigo sobre a poesia moçambicana publicado na revista *Notre Librairie* em 1993, assinala insistentemente o recorte geográfico do país, salientando a forte presença do Índico como musa e fonte de inspiração e adianta a propósito do conceito de moçambicanidade: «*On ne rappellera jamais trop que, depuis les années 50, la poésie, du sud au nord du pays, est l'expression de la mozambicanité. De quoi s'agit-il? De l'expression littéraire d'une émotion et de la pensée d'un pays qui, tout en gardant son identité africaine, est une porte ouverte sur l'Orient depuis des siècles. Longtemps pays de la traite des esclaves et du commerce des épices, le Mozambique se situe à la croisée de cultures et de civilisations variées: portugaise, bantu-swahili, hindoue et chinoise. S'y conjuguent*

*les mystères de l'opium, des soies, des balles de coton et des épices»* (p. 54).

Essa porta aberta ao Oriente (*Janela para Oriente* é o último título de Eduardo White) é um dos trajectos de escrita do próprio Virgílio de Lemos no seu livro *Ilha de Moçambique – a língua é o exílio do que sonhas*, com poemas datados entre 1952 a 1961 e publicado recentemente, em Abril de 1999. Aí se fazem outros roteiros de um imaginário do exílio, em que os percursos eróticos, oníricos e linguísticos, reinventam a Ilha como lugar de paixão e desejo, pela terra que evoca, pela cultura, pela beleza: «*A ilha não existe por que a achasses/ mas porque a nomeias coração do vento/ capaz deste segredo vontade grega/ de amar o que a alma intui e cria»* (p. 11).

Neste livro de Virgílio de Lemos a ilha é nomeada e investida do seu estatuto de mito: «*ilha que dorme na utopia pródigo mito da poesia»* e reinventada pela criação poética: «*E na estatuária swahili de teucio de ouro/ súbita e singular és tu e não outra qualquer/ quem por mim viaja língua de fogos silabares»* (p. 19).

Por seu turno Eduardo White. Em *Materiais do Amor*, seu penúltimo livro, publicado em 1996, tinha iniciado a reinvenção desta origem através da identificação do sujeito com a ilha e desta com o amor e sujeito amado. White corporiza *O País de Mim* na Ilha e nela encontra a *identificação de uma origem e de um destino amorosos, de uma viagem por um corpo cultural assumido eroticamente:*

«Sou ao Norte a minha Ilha, os sinais e as sedas que ali se trocaram e nessa beleza busco-te por entre as negras enroladas em suas capulanas arrepiadas, altas, magras, frágeis e belas como as missangas e vejo-te pelos seus absurdos olhos azuis. Que viagens eu viajo, meu amor, para tocar-te esses búzios, esses peixes vulneráveis que são as tuas mãos e também como me sonho de turbantes e filigranas e uma

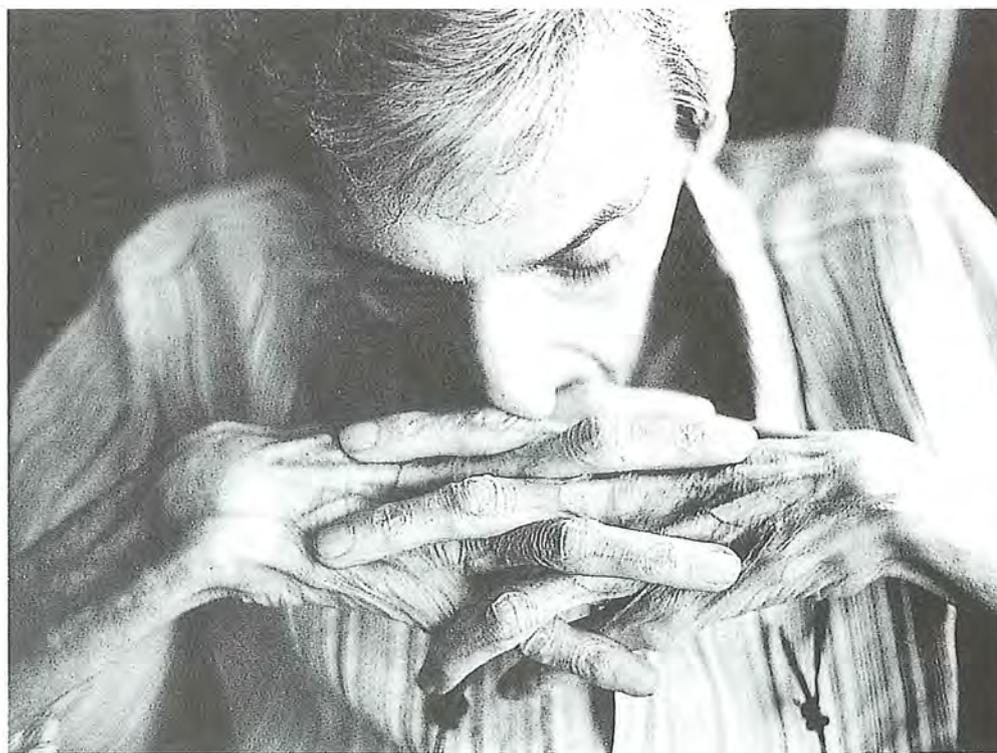
*navalha que arredondada já não mata, e minhas oferendas de Java ouros e frutos incensos e volúpia.*

*Quero chegar à tua praia diáfano como um deus, com a música rude e nua do corno e uma palave, um séquito ajawa, um curandeiro macua, uma mulher que dance uma Índia tão distante, e um monge birmanês, clandestino no tempo, que sobrenós se sente e pense. Amo-te sem recusas e o meu amor é esta fortaleza, esta Ilha encantada, estas memórias sobre as paredes e ninguém sabe deste pangaio que a Norte e na Ilha traz um amante inconfortado»* (in *Os Materiais do Amor*, p. 25).

Fátima Mendonça, no prefácio ao livro de Eduardo White, chama a atenção para a representação sobreposta de um interlocutor Mulher-Terra e ainda para a concentração de sinais vários como os lexemas peculiares do tipo sedas,

Eduardo White.

Rui Knopfli. Fotografia de João Francisco Vilhena/revista LER





búzios, turbantes, filigranas e assinala a sugestão marítima do Índico, que não está dissociada da Insularidade.

Para concluir, por agora, adiantarei que semelhante insularidade reinventada, reajustada amorosamente ao corpo e ao rosto, na memória relida da História, acaba por se projectar na própria imagem do país.

Com efeito, se a ilha constitui uma região mítica e matricial, o próprio país pode ser lido como longa e estreita ínsula índica. Tal imaginário insular e índico de Moçambique torna-se perceptível em *Terra Sonâmbula* de Mia Couto, no diálogo entre Surendra e Kindzu:

«– Vês Kindzu? Do outro lado fica a minha terra. É mesmo ali onde o sol se está a deitar.

*E ele me passava um pensamento: nós os da costa, éramos habitantes não de um continente mas de um oceano. Eu e Surendra partilhávamos a mesma pátria: o Índico. E era como se naquele imenso mar se desenrolassem os fios da história, romances antigos onde nossos sangues se haviam misturado. Eis a razão por que demorávamos na adoração do mar: estavam ali nossos comuns antepassados, flutuando sem fronteiras. Essa era a raiz daquela paixão de me encasear no estabelecimento de Surendra Vala.*

– *Somos de igual raça, Kindzu: somos índicos!»* (TS, p. 26).

#### Obras referidas:

Rui KNOPFLI, «A Ilha de Próspero», in *Memória Consentida 20 anos de poesia 1959/1979*, Lisboa, INCM, 1982.

Virgílio de LEMOS, *Ilha de Moçambique – A Língua é o Exílio do que sonhas*, Maputo, Amolp, 1999.

«Littérature du Mozambique», *Notre Librairie*, n.º 113, Avril-Juin, 1993.

Luís Carlos PATRAQUIM, *Vinte e Tal Novas Formulações e Uma Elegia Carnívora*, Lisboa, Alac, 1991.

Manuel FERREIRA, *Campos de Oliveira-Mancebo e Trovador*, Lisboa, INCM, 1985.

Nelson SAÛTE e António SOPA, *A Ilha de Moçambique pela voz dos Poetas*, Lisboa, Ed.70, 1992.

Eduardo WHITE, *Os Materiais do Amor seguido de O Desafio à Tristeza*, Lisboa, Caminho, 1996.

1.  
navega-me a alma uma ilha  
o espírito antigo de um barco em  
viagem

penélope de m'siro enfeitada  
olha o minarete mais alto  
do horizonte

e medita sobre as ruínas do cais  
o porto ancorado do sonho

2.  
por entre os seus dedos deslizam

fios de missanga  
fios de prata  
fios de ouro

ourivesaria atenta do silêncio

3.  
seu rosto voltado a oriente  
o linho enrolado no corpo  
navega-lhe pelos dedos  
a demorada monção  
o súbito vento

4.  
porque tem as mãos juntas  
e desenha astrolábios  
diademas colares  
rosas de areia

porque tem as mãos juntas  
entre seus fios  
rosários de prata  
corais de sonho  
enfeites colares  
cresce os muitos braços  
os sábios guizos nos tornozelos dança

o linho ao vento seu corpo esguio  
no mar ondula infinito de azuis  
e perfuma o ar de múltiplas geografias

5.  
descobriu em si a amurada  
o cais

penélope de m'siro enfeitada

seus cabelos refulgem estrelas  
búzios peixes conchas pontilhadas  
e lembram finas cordagens  
enlaçadas de algas

# Navega-me a alma uma ilha

*Ana Mafalda Leite*

o rosto sextante  
as mãos navegando os fios de coral  
as mãos soltando essas estranhas  
domésticas especiarias

6.  
de m'siro enfeitada  
penélope grava na areia  
os brilhos ourives as sedas as cabaias  
os linhos  
e tece seus fios seus cabelos seus seios  
na púrpura turbante azul indigo  
das índicas águas

o oriente começa no seu rosto de  
m'siro, açafão, ébano e coral  
búzios ondulantes navegam o ritmo de  
suas ancas

um barco no peito  
por suas mãos tece

os fios de prata  
os fios de ouro  
os fios de sonho

7.  
rede  
no coração da água  
ancorada

não é por ulisses que ela aguarda  
mas por um estranho destino  
que o espírito das águas  
levando-a ao cimo das nuvens  
a oriente a ocidente  
no coração da ilha há séculos  
a encanta e a demora

a traz enamorada

